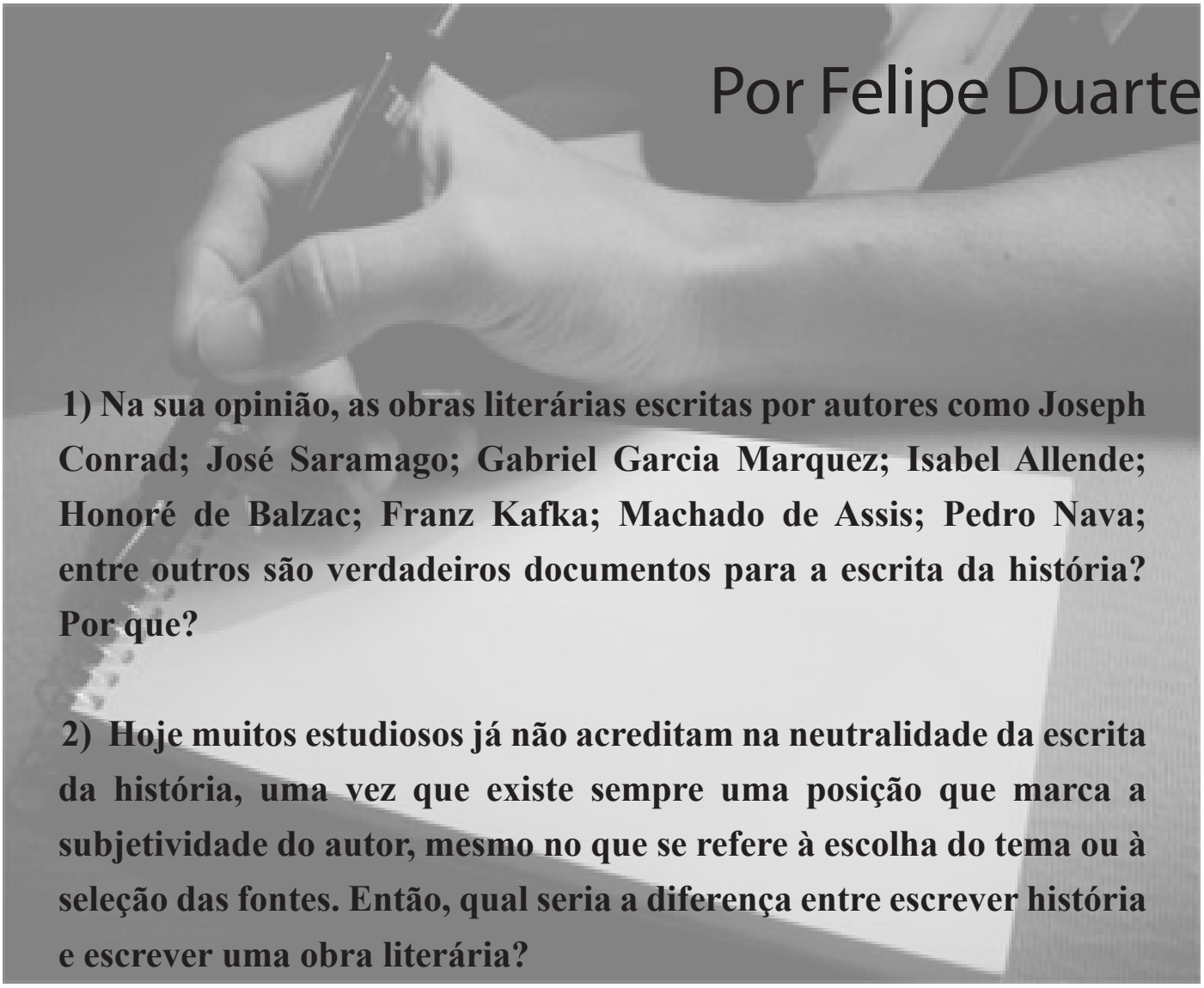
HISTÓRIA

A *Contemporâneos - Revista de Artes e Humanidades* realiza nesta edição um dossiê que questiona os possíveis diálogos entre História e Literatura. Na antiguidade grega foi dada à História uma musa – Clio. Tal entidade mitológica carregava em sua mão esquerda um livro intitulado "Tucídide", conhecido por relatar em letras, as memórias de um povo. Estabelece-se neste momento à estreita relação entre História e Literatura.

No final do século XIX há um forte movimento intelectual em prol da cientifização e racionalidade da História. A busca por explicações empíricas e o rigor metodológico com as fontes tiveram uma significativa influência sobre as pesquisas desenvolvidas neste período. Após as duas grandes guerras mundiais e as barbaridades ocorridas neste processo, a racionalidade é posta em cheque e foram iniciados estudos que questionavam o entendimento da subjetividade humana. A História entra num processo de busca de novos objetos e novas abordagens. Tendo como norte tais questões, perguntamos aos nossos leitores e colaboradores.

X

LITERATURA



Por Felipe Duarte

1) Na sua opinião, as obras literárias escritas por autores como Joseph Conrad; José Saramago; Gabriel Garcia Marquez; Isabel Allende; Honoré de Balzac; Franz Kafka; Machado de Assis; Pedro Nava; entre outros são verdadeiros documentos para a escrita da história? Por que?

2) Hoje muitos estudiosos já não acreditam na neutralidade da escrita da história, uma vez que existe sempre uma posição que marca a subjetividade do autor, mesmo no que se refere à escolha do tema ou à seleção das fontes. Então, qual seria a diferença entre escrever história e escrever uma obra literária?

3) Engels disse: "Aprendi mais em Balzac sobre a sociedade francesa do que em todos os livros dos historiadores e economista da época ". Afirma, assim, que é inegável a contribuição da literatura para o entendimento da história. O lingüista Dominick LaCapra destaca que todo texto é fruto do contexto do autor, portanto a relação de texto/ contexto está sempre presente no processo de produção da obra e fornecerá características particulares ao texto produzido. A partir dessas afirmações, você acredita que a literatura pode ser fonte para a história?

Sandra Sato

Artista visual, mestre em teoria da literatura pela UFJF e atualmente arte-educadora do Museu de Arte Murilo Mendes.

Sem dúvidas, tendo em vista que mesmo os ficcionistas retratam, sob sua própria ótica, seu contexto histórico. Arriscaria mencionar inclusive autores como Julio Verne ou Aldous Huxley (que são os Stephen Spielbergs e Ridley Scotts de seu tempo) que enfatizaram seus escritos em ficção científica - projetando futuros sensacionais - como testemunhas de suas realidades então presentes. Explico como.

As criações ficcionais (que envolvem desde valores morais e comportamentais até seres extraterrestres e tecnologias fantásticas) foram desenvolvidas a partir de referências de seu tempo presente e, se por um lado parecem datados, por outro comprovam que estes autores estavam forte e inevitavelmente atrelados ao que viviam, experimentavam, testemunhavam. Pelo futuro projetado por estes autores ficcionais temos pistas daquela "vida real": como viviam, quais os parâmetros estéticos, políticos, sociais, morais, e todos os outros inumeráveis aqui, que inspiraram as fantasias.

Chega a ser irônico e divertido rever seriados de ficção científica como "Perdidos no Espaço" (década de 1960) ou o clássico filme "Barbarella" (1968) onde o futuro parece *vintage!* Nossas crianças na atualidade, da geração de games 3D de altíssima resolução e de uma fidelidade impecável exclamariam: "que tosco!". Estão corretos, dentro de seus parâmetros. Ainda que não concorde em classificar em categorias os formadores de opinião e disseminadores do saber, vou pensar nos autores citados na pergunta apenas como escritores de literatura. Sabemos que estão muito além de quaisquer rótulos. Valorizo o registro, seja histórico ou de qualquer outra natureza (depoimentos, críticas, metáforas...) com características pessoais porque somos humanos, racionais e, portanto, não podemos desligar um botãozinho em nosso cérebro para assumir: "agora sou escritor; agora sou historiador; agora sou um crítico". Há, no máximo, a intenção. Mas não funciona. Somos complexos, pensamos assim e reagimos assim.

Isso está além de nosso desejo. Felizmente.

Vou além, estendendo essa forma híbrida de historiografia a artistas visuais, músicos, atores, artesãos, jornalistas... Todos são agentes imprescindíveis da manutenção da memória, dos registros para a posteridade. Os primeiros homens a registrar suas pegadas nas paredes das cavernas com pigmentos retirados da natureza nos proporcionaram verdadeiras enciclopédias que elucidaram muito a respeito de nossas origens e os caminhos que tomamos até aqui. E isso sem a intencionalidade tal como a compreendemos hoje, sequer com o uso de palavras.

Sim, é um lugar comum, mas é verdade: somos todos historiadores, inclusive se nos rotularmos apenas como leitores.

Hoje muitos estudiosos já não acreditam na neutralidade da escrita da história, uma vez que existe sempre uma posição que marca a subjetividade do autor, mesmo no que se refere à escolha do tema ou à seleção das fontes. Então, qual seria a diferença entre escrever história e escrever uma obra literária?

A pergunta se responde. Não há meios de anular a subjetividade. Estamos falando de seres pensantes. Pessoalmente, considero a literatura como um eficiente registro histórico, ainda que os puristas levantem a bandeira da "imparcialidade" da informação. Então eu pergunto: o que significa imparcialidade neste caso? Qual o historiador capaz de registrar um evento de forma completamente isenta? Como é capaz de se despir plenamente de seus valores e opiniões pessoais? Entendo imparcialidade como uma utopia, quando penso em inteligência humana. Mais uma vez enfatizo: ainda bem! Ou se perderia muito sem a riqueza das diferentes abordagens.

Não há e, em minha opinião, nem deve haver, descriminalização entre escrever história e escrever uma obra, seja ela literária, plástica, musical, cinematográfica, performática, científica ou algo que a valha. Isso a meu ver torna o registro histórico mais honesto e sensível, provavelmente mais fiel.

Cabe ao pesquisador fazer sua escolha ao procurar suas fontes. E não sou eu quem determina isso, isso ocorre naturalmente. Quando opto por aquele determinado tipo de música para ouvir, quando escolho o estilo com que vou me vestir e, portanto, me posicionar diante do público, quando escolho as gírias que uso e em que momento usar, quando quero saber sobre a história da minha cidade ou sobre o autor que me dá prazer em ler. Posso, portanto, aprender sobre a memória apenas procurando saber sobre os hábitos alimentares daquela determinada época e daquele determinado lugar. Ou me alimentar de informações apenas sobre

a realidade política daquele contexto. Mesmo que inconscientemente, respeitamos nossas escolhas de acordo com a nossa identificação, com o que nos dá mais prazer e, portanto, nos facilita compreender e assimilar.

Então quanto mais pontos de vista distintos, quanto mais linguagens e meios para registrar a história, que nada mais é que registrar nossas próprias impressões, mais completas e abrangentes serão nossas fontes e maior será nossa liberdade para delinear o perfil que norteará o registro e a compreensão de nossa própria existência.

Engels disse: "Aprendi mais em Balzac sobre a sociedade francesa do que em qualquer historiador ou economista da época". Afirma, assim, que é inegável a contribuição da literatura para o entendimento da história. O lingüista Dominick LaCapra destaca que todo texto é fruto do contexto do autor, portanto a relação de texto/contexto está sempre presente no processo de produção da obra e fornecerá características particulares ao texto produzido. A partir dessas afirmações, você acredita que a literatura pode ser fonte para a história?

Certamente. Acho que isso está embutido na primeira pergunta. Não conheço historiador mais completo sobre a natureza humana do cidadão inglês do século XVI que William Shakespeare, por exemplo. Tenho a consciência tranqüila de não estar cometendo alguma injustiça diante de historiadores da época ou especializados sobre a época por um fator muito simples: como leiga, não os conheço. Isso é prova da eficiência do caráter historiográfico do autor de *Othelo*. Produtor voraz, de alcance popular que rompeu as barreiras de tempo e espaço (há uns dois anos ouvi um agricultor no interior do Paraná citar: "Ser ou não ser, eis a questão!"), ele está nas novelas brasileiras, nos *blockbusters* adaptados de Hollywood, nas instalações contemporâneas dos mais ousados e "vanguardistas" artistas visuais no Extremo Oriente. Suas informações chegam até nós sem que tenhamos que buscá-las. Isso é poder para poucos.

E com uma vantagem que eu considero belíssima quando o assunto é a literatura como fonte para a história: com poesia, dramaticidade e fantasia de excelente gosto e abordagens sempre atuais e estimulantes. Muito diferente dos teóricos desnecessariamente complexos e tediosos, que felizmente estão com seus dias contados por falta de audiência.

Maria Helena Sleutjes

Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade do Rio de Janeiro, mestrado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas - RJ. Atualmente é professora convidada da Faculdade de Minas e bibliotecário-documentalista da Universidade Federal de Juiz de Fora.

O memorialista é, sobretudo, um artista que reúne a capacidade de sentir, entender e descrever fatos históricos com muita riqueza e singularidade, pois ao mesmo tempo em que expõe sua visão de alguma faceta do mundo, a descreve, tornando-a uma verdade, talvez não inteira, talvez não tão verdadeira, mas completamente atraente e muitíssimo interessante. Eu diria que estes escritores deram à história uma enorme contribuição e suas obras deveriam funcionar como fontes de pesquisa para enriquecer o entendimento das verdades históricas das épocas e situações que descrevem.

Esta é sem dúvida uma discussão muito interessante. Não existe esta tão sonhada e perseguida neutralidade requerida pela ciência no século passado. Enxergamos o mundo através de nossos valores, nossos pontos de vista, nossa bagagem de conhecimento, nosso estado de ânimo e confiança, de desalento ou esperança. Poderíamos até dizer que cada um tem uma versão particular de mundo, de interpretação de fatos, de vivência da história que está acontecendo. Mas existe uma diferença entre escrever história e escrever literatura. Escrever história é se ater a fatos consagrados, reconhecidamente ocorridos e tentar descrevê-los da forma mais realista possível. Escrever literatura significa poder criar sobre estes fatos acontecidos, alterando-os, aproximando-os mais de uma versão particular do ocorrido, sabendo-se, entretanto, que por maior que seja a alteração feita, o escritor é produto de uma época.

Franklin Lopardi Franco

Granduando em historia pela Universidade Federal de Juiz de Fora, matricula 2006, editor assistente da Contemporâneos–Revista de Artes e Humanidades. Áreas de interesse: Brasil na Segunda Guerra Mundial, Mídia de Guerra e restauração, organização e higienização de arquivos em geral.

Para responder tal questão é preciso começar a dialogar com Walter Benjamim. Este entende o aparecimento do romance vinculado a consolidação da burguesia a qual traz consigo o advento da imprensa, a qual retira do narrador a função de difundir (e ensinar) experiências para serem apropriadas pelos ouvintes (como na tradição oral, no conto-de-fadas, na saga e em outras formas de "gênero" épico). Logo o que restava ao romancista era uma angústia do indivíduo que em sua solidão não conseguia expressar-se exemplarmente, assim nasce o romance, logo, romance visa levar o incomensurável ao auge na representação da vida humana. Assim dialogando com Benjamim, o escritor condicionado pelo contexto histórico a que está inserido não poderia falar de outra coisa senão a sua solidão. Logo, escrita literária (neste caso o romance) se transformou em documento para entender a consolidação da burguesia e todos os efeitos que este fenômeno empreendeu.

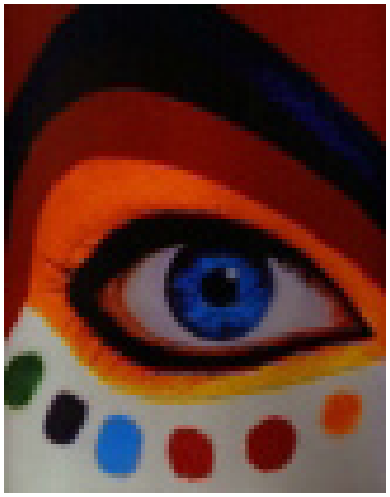
Tendo em vista esta análise, se o historiador pensar nestes termos ou em quaisquer outros que o levem a uma representação do passado, sempre se validando de métodos científicos, nunca na base do "achismo", acho que é possível escrever história a partir de textos literários. Ao contrário seria impossível escrever a história da arte, neste caso a literatura.

Faço também diálogo com Jenkins. A história está vinculada a construção de uma verdade, seu produtor está preocupado em produzir, em base das interpretações dos vestígios do passado, uma verdade. Logo, a

literatura não se preocupa com verdades, ela não se valida de métodos científicos para produção de tal texto. Mas a resposta não pode se ater entre a diferença de verdade ou ficção. A literatura está tão vinculada com história que chegam a se confundir mesmo, mas a literatura enxerga seu problema vinculado a transcender a normalidade, a possibilidade de ir além do normal e mesmo os textos que não vão além, estão vinculados a definição de normal. Segundo Foucault o normal é uma construção da sociedade, arraigada de discursos anteriores ao próprio discurso em si, logo, uma construção linear e histórica. A ligação entre literatura e história é que quando definimos o que não é história, o que não é verdade, toda a produção escrita que não se encaixar dentro da construção da normalidade será literatura. Não podemos pensar que literatura é o resto da história, os autores literários já escrevem seus textos com a proposta de serem literários.

Fonte, para mim, um diálogo que faço com Keith Jenkins em a história repensada, é um vestígio de um passado que o historiador quer escrever, reescrever, interpretar ou reinterpretar, logo, o que é fonte passa muito pelo crivo do agente ativo da escrita da história. Por exemplo, quando penso em escrever sobre a segunda guerra mundial, especificamente os acontecimentos do *front* interno da zona da mata mineira. Primeiro devo fazer uma seleção de fontes a partir de uma série de questões: os fatores militares entraram na minha análise? Se entrar, uma série de documentos se transformará em fonte para mim, a decisão é minha se aquilo vai ou não ser fonte, lógico que esta decisão será influenciada por vários fatores como orientador, amigos, textos que estou lendo ou já li, dentre outros. O que estou querendo dizer é que para algo se transformar em fonte alguém tem que pensá-lo como fonte, senão será apenas um vestígio do passado.

Logo penso que pode ser usada sim como fonte se o historiador pensá-la como tal.



Cezar Bartholomeu

Artista plástico, vive no Rio de Janeiro, trabalha prioritariamente com a fotografia. Doutor em linguagens visuais pela EBA/UFRJ com PDEE na École de Hautes Études en Sciences Sociales/ Paris. Professor adjunto da Escola de Belas Artes da UFRJ no curso de História da Arte, lida com teorias da imagem e teoria da arte.

Antes seria necessário precisar o que se entende como documento – se por documento se pretende dizer que uma coisa é prova clara, neutra e irrefutável, uma obra é documento apenas de sua própria escrita, o que não é dizer pouco. Na sua forma encontramos problemas da cultura em que se insere, e mesmo um conceito de história próprio, como é o caso da obra de Proust, como bem indicam Barthes e Benjamin.

Mas devo dizer que NADA é documento para a escrita da história nesse sentido: não há transparência em qualquer documento. Tudo necessita exame, tratamento, ponderação. Toda fonte necessita de crítica de produção e de sua representação.

Nunca se acreditou de fato na neutralidade da escrita da história: sempre foi característica das ciências humanas lidar com tal problemática. Não é devido relegar as ciências humanas a uma posição de crença (acreditar ou não em sua neutralidade) ou estética: justamente o desenvolvimento da história é medido a partir das preocupações temáticas e sobretudo metodológicas que se impõem a sua produção, o que implica tornar evidente sua relação crítica não apenas com o autor, mas com o presente. Como indica Didi-Huberman, a questão é evidenciar a anacronia da história.

A verdade, criticada, se tornou mais complexa, mais difícil de reconstituir, e tornou-se uma posição antes que um universal, como bem mostra Alain Badiou. Isto não é propriamente um problema apenas da história, mas de toda a cultura.

Assim, qual a diferença entre obra literária e obra de história? Uma obra literária

busca uma existência estética em primeiro lugar: trata-se de um problema de apresentação (de como expor-se ao mundo), enquanto a busca de verdade exige da história uma representação regulada pela ética.

Determinar que todo texto é 'fruto' do contexto do autor simplifica os problemas de mentalidade referidos por Engels – senão todos os franceses do século 19 seriam grandes escritores como Flaubert. Somente nos referimos e estudamos tais escritores porque se descolam de seus contextos, o que possibilita revê-los sempre de modo novo. Fazer o contrário seria tratar as obras como o economista ou historiador posicionados no exterior da cultura.

Dizer que a 'arte é fruto'…refere-a diretamente a um problema ultrapassado de mimesis, de representação sob uma estética sociológica que visa analisar as obras a partir dos efeitos que comunicam. Esse ponto de vista se quer objetivo e evita, de modo muito marxista/estruturalista, qualquer /aesthesis/ na obra. Engels se refere, de fato, a uma dimensão cultural da arte que não está clara em seu tempo; indica a participação da arte em um problema de mentalidade, em uma estética da cultura. Nesse sentido, a literatura é definitivamente fonte importante para a história. Como indicaria Ronaldo Brito, a relação problemática verdadeiramente se dá entre "fato estético e imaginação histórica".

Virna Ligia Braga

Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora
Linha de Pesquisa "Poder, Mercado e Trabalho".

As obras literárias são relatos, retratos, visões importantes de determinada época da história e, deste modo, também são fundamentais para o trabalho do historiador. Em uma obra que envolve a memorialística, como a de Pedro Nava, por exemplo, podemos descortinar aspectos sociais e culturais do Brasil no início do século XX. O autor escreve sobre hábitos, comportamentos, situações vivenciadas por ele e por sua família, as experiências do exercício profissional da medicina. Cada relato é acompanhado de preciosas informações sobre a sociedade de seu tempo, com comentários interessantes sobre a vida cotidiana. Cabe ao historiador reconhecer a obra literária como uma fonte histórica relevante, que, como todas as outras, deve sempre ser questionada.

Na escrita da história, dizemos que a imparcialidade é o guia principal na busca para se chegar à verdade. Entretanto, qual seria essa verdade? Nem mesmo nas ciências exatas encontramos verdades absolutas. Heguel ressalta a importância de se fazer tudo 'apaixonadamente'. Quando escolhemos um objeto de pesquisa, quando fazemos um recorte temporal, quando selecionamos as fontes, cada passo está ligado ao nosso modo de ser e de perceber o mundo e as coisas, são escolhas, subjetivas. Uma obra literária permite que criemos narrativas e personagens ficcionais, embora exista todo um arcabouço histórico que dá a tal tipo de escrita seu tom de veracidade. Entretanto a diferença entre uma obra literária e a escrita da história está na busca infindável da imparcialidade, no uso do método científico, no trabalho incansável com fontes documentais diversas, que são exaustivamente analisadas e questionadas diante dos acontecimentos históricos.

Como não acreditarmos que a literatura é uma fonte para o trabalho do historiador quando lemos as obras de Balzac, Kafka, Machado de Assis, Nava, entre tantos outros escritos literários, que nos revelam os modos de ser e viver de toda uma época? A literatura é, certamente, uma importante fonte histórica.

Gizele Zanoto

Gizele Zanotto, mestre e doutora em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Penso que não podemos considerar a literatura imediatamente como documento para a escrita da história. Todas obras serão um documento, uma fonte, a partir de uma problemática de pesquisa definida pelo historiador. Cada obra é, obviamente, em certa medida, testemunha de seu tempo, mas a redação literária tem suas especificidades e, para mim, servem muito bem como fontes riquíssimas para o estudo historiográfico.

Defendo com vigor as especificidades de cada texto: literário e historiográfico. Defendo a história como ciência, não uma ciência que estabelece verdades eternas, mas uma ciência que analisa contexto, estabelece as relações e chega a algumas considerações finais historicamente datadas. Neste sentido, o termo ciência me parece essencial, visto que as considerações finais são passíveis de contestação, revisão e mesmo recusa pela comunidade acadêmica a partir de outras perspectivas teórico-metodológicas e outra visão sobre as fontes. O compromisso do historiador com a objetividade - uma objetividade como relação honesta com a ação dos homens do passado e não como reflexo do passado - A uma baliza necessária ao historiador, enquanto o literato tem a liberdade de extrapolar tais limites. Enfim, são práticas diversas, com especificidades diversas.

Certamente, pode e deve ser fonte para a história em função da perspectiva adotada pelo historiador (o que implica que será fonte em função de uma temática e problemática, não exatamente fonte para tudo e para todos). Estudos interessantes já demonstraram a importância do discurso literário para a compreensão da sociedade e cultura, assim como a compreensão das idéias do autor (história das idéias e/ou história dos intelectuais).

Edgar Pereira Coelho

Professor de Filosofia do Departamento de Educação UFV.

Como se trata de opinião eu diria inicialmente que sim, as obras apontadas são importantes fontes para a escrita da história, melhor dizendo devem ser levadas em consideração por conterem inúmeras marcas da história, embora eivadas de metáforas e sonhos, mas que não deixam de narrar uma realidade "metamorfósica" da vida cotidiana.

Quando penso em história, vem logo na mente o fato, o realmente ocorrido, ocorrendo e que ainda vai ocorrer. No âmbito literário me deparo com uma transcendência e o ir além de fatos é a pura arte.

Percebo que a literatura pode ser sim fonte para a história, mas não a única. A questão do texto e do contexto com relação ao autor deve ser levada em conta. São situações inseparáveis. Há inevitavelmente uma mistura da visão do autor com aquilo que ele escreve. Por exemplo: como separar nos escritos de Platão, o que é dele e o que genuinamente é de Sócrates? Impossível. Estudando a visão de Chenofonte sim, eu posso perceber melhor as subjetividades platônicas no trato de Sócrates. A literatura está plena de sentimentos e arte e por isso "humaniza" a história, se assim posso dizer. Eu acredito que a literatura é uma importante fonte para a história.